

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez



Gravata de Lula foi recado de que o governo é petista

“Foi bonita a festa, pá/ Fiquei contente/ Ainda guardo renitente/ Um velho cravo para mim/ Já murcharam tua festa, pá/ Mas certamente/ Esqueceram uma semente/ Nalgum canto de jardim/ Sei que há léguas a nos separar/ Tanto mar, tanto mar/ Sei, também, quanto é preciso, pá/ Navegar, navegar/ Canta primavera, pá/ Cá estou carente/ Manda novamente/ Algum cheirinho de alecrim”. Ao assistir às cerimônias realizadas ontem, para comemorar a derrota da tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023, no Palácio do Planalto, lembrei-me da letra de Tanto Mar, de Chico Buarque, sobre a Revolução dos Cravos, que resultou do colapso do colonialismo português e pôs abaixo a ditadura salazarista, em 25 de abril de 1964.

Seu impacto no Brasil se traduziu também na ampla mobilização política da oposição brasileira nas eleições de novembro daquele ano, que levou o MDB à espetacular vitória eleitoral, o que abalou o regime militar, já desgastado e com fissuras aparentes. Nessa época, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva já era dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. No ano seguinte, foi eleito presidente do sindicato e iniciaria sua trajetória de principal líder do “novo sindicalismo brasileiro”. Lula ainda era avesso aos partidos políticos e nem sonhava em fundar o PT, o que só viria a acontecer em 10 de fevereiro de 1980, no governo Figueiredo.

Ontem, Lula fez dois discursos, um redigido pelo marqueteiro Sidônio Palmeira, que será seu novo ministro da Comunicação, e outro de improviso, no qual passou recado de seu desconforto com as críticas ao ato, devido à ausência dos demais chefes de Poderes e de a participação popular ter ficado restrita a pouco mais de mil militantes do PT, a maioria comissionados no próprio governo.

“Hoje é dia de dizermos em alto e bom som: ainda estamos aqui. Estamos aqui para dizer que estamos vivos e que a democracia está viva, ao contrário do que planejavam os golpistas de 8 de janeiro de 2023”, disse Lula, uma referência ao filme *Ainda Estou Aqui*, dirigido por Walter Salles e estrelado por Fernanda Torres, ganhadora do Globo de Ouro, sobre a trajetória de Eunice Paiva durante a ditadura militar, após seu marido, Rubens Paiva, ter sido preso e assassinado.

A cerimônia no Planalto contou com a presença de ministros, parlamentares, governadores e representantes dos Três Poderes, além dos comandantes das Forças Armadas, cuja participação Lula fez questão de agradecer. O que seu discurso escrito teve de institucional e amplo, o improviso teve de personalista e sectário, praticamente dedicado à própria trajetória pessoal e ao protagonismo do PT no seu governo.

Hegemonismo

Com orgulho, Lula se vangloria de ter criado um partido enraizado na sociedade brasileira, que o levou ao poder em 2002, 2006 e, pela terceira vez, em 2022. No improviso, disse que as coisas que acontecem no mundo sempre começam com pouca gente: “Às vezes, começam com uma pessoa. A campanha das Diretas Já começou com um ato do Partido dos Trabalhadores em novembro de 1983, que não foi nem divulgado pela imprensa brasileira, apenas a *IstoÉ* deu uma pequena matéria sobre nosso ato, que foi em frente ao Pacaembu. E depois, a campanha das Diretas se transformou na maior manifestação física que o povo brasileiro conhece. Foi uma manifestação extraordinária da qual eu tive o prazer de participar, ao lado do nosso querido companheiro doutor Ulysses Guimarães, Leonel Brizola, Franco Montoro, Miguel Arraes e tantas outras figuras eminentes da política brasileira”.

Entretanto, Lula foi personalista e sectário. A campanha somente ganhou força após a entrada de Ulysses e dos governadores de São Paulo, Montoro, de Minas, e Leonel Brizola, do Rio de Janeiro. Nenhum remanescente da campanha das Diretas Já ainda vivo foi citado, nem mesmo Fernando Henrique Cardoso, presidente por dois mandatos e que lhe passou a faixa presidencial.

Até o improviso de Lula, era possível uma avaliação generosa de que o ato fora esvaziado por fatores até fortuitos, como as viagens do presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso. Ou politicamente conjunturais, como a queda de braços entre o ministro Flávio Dino, do STF, indicado por Lula, e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), por causa da suspensão do pagamento das chamadas “emendas secretas”. Ou ainda por dificuldades do próprio governo, que fez uma péssima divulgação preparatória, o que seria até compreensível devido à troca de guarda na Comunicação do governo.

Depois, porém, ficou tudo mais claro. A gravata vermelha de Lula — em vez da azul, amarela e verde que também gosta de usar, ou mesmo a faixa presidencial, que seria mais simbólica do 8 de Janeiro — não foi um descuido de personal stylist, mas um ato deliberado de afirmação do protagonismo do PT no evento e no governo: “Estamos aqui para lembrar que, se estamos aqui, é porque a democracia venceu. Caso contrário, muitos de nós talvez estivéssemos presos, exilados ou mortos”. Numa hora em que negocia uma reforma ministerial e precisa aprovar o pacote fiscal no Congresso, deve ter lá seus motivos. Mas é um péssimo sintoma de hegemonismo petista e consequente isolamento político de Lula.

DOIS ANOS DO 8/1

O apelo dos manifestantes: “Sem anistia para golpistas”

Reunidos na Praça dos Três Poderes, apoiadores do governo federal enfatizam a relevância de lembrar os ataques extremistas de 2023, para que nunca mais se repitam

» CARLOS SILVA
» BRUNA PAUXIS

Apoiadores do governo federal participaram, ontem, na Praça dos Três Poderes, da manifestação que lembrou os dois anos dos ataques extremistas do 8 de janeiro. Muitos vestiam camisetas com frases como “sem anistia para golpista” e “golpe nunca mais”. Mesmo sob chuva, a maior parte do público ficou até o final.

O jornalista Miguel dos Anjos, de 68 anos, fez questão de participar do evento ao lado do marido, o enfermeiro Claudemir Vieira, 50, e de amigos. Comparando a democracia a uma eleição contínua, ele ressaltou a relevância de marcar presença. “Todo dia depositamos nosso voto nela para que, no final do dia, ela continue ganhando. É o caminho de tudo”, afirmou.

Alguns ainda chegaram de longe para fazer parte do ato. Caso de Leandro de Lima Santos, 41, que veio de Goiânia, acompanhado da esposa, a professora universitária Monyele Camargo Graciano, 35, e da filha, Aurora Graciano, 1. O funcionário da Universidade Federal de Goiás (UFG) destacou a importância de lembrar os eventos de 8 de janeiro, a fim de prevenir episódios semelhantes. “Ficamos marcados de forma muito violenta após os atos golpistas de dois anos atrás”, ressaltou.

Carlos Silva/CB/D.A.Press



Edna Gomes: “Foi uma violência que nem conseguimos adjetivar”

Relembrando os acontecimentos daquele dia, Leandro descreveu a surpresa e o choque ao testemunhar a fragilidade da segurança na capital federal. “Não imaginávamos que, uma semana após a posse de um presidente eleito legitimamente, isso pudesse acontecer. Prova da necessidade de permanecermos vigilantes”, declarou.

A professora de dança Edna Gomes, 61, não só prestigiou a cerimônia como também aproveitou para levar para casa uma lembrança especial: um dos vasos de flores que compunham a palavra “democracia” na Praça dos Três Poderes. Emocionada, ela enfatizou o valor do evento para lidar com as cicatrizes deixadas pelos ataques. “Foi

uma violência tão absurda que nem conseguimos adjetivar. Estar aqui é como purificar a alma e rejuvenescer um lugar tão profundamente ferido”, afirmou.

Para ela, eventos como o realizado ontem fazem com que a população se conscientize sobre a gravidade da tentativa de golpe de 2023. “Precisamos olhar atentamente o que aconteceu. A presença da gente aqui fortalece a ideia de que não vai se repetir, nunca mais, pelo bem do nosso país”, disse.

Abraço à democracia

A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, definiu o ato como um símbolo de resistência e reparação. “É um abraço à democracia, uma forma de desagravo à praça, palco daquela depredação. A ideia é mostrar que a democracia está vencendo e vamos consolidá-la”, enfatizou.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva também participou do evento, que incluiu um desenho do mapa do Brasil formado pelos manifestantes. Após o discurso do chefe de Estado, acompanhado da primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, e de ministros, os apoiadores foram convidados a levar as flores que formaram a palavra democracia. “Cuidem com carinho para que, ao retornarem aqui, no próximo ano, as tragam de volta”, pediu a organização.

Lino Ribeiro
Aposentado

CUIDANDO DE TODOS, PENSANDO EM CADA UM.

Todos os dias, transformamos ideias em conquistas que impactam diretamente a vida de cada cidadão. Assim, garantimos mais segurança para as mulheres e proteção para os idosos, estimulamos a economia, ajudamos a diminuir a desigualdade e a aumentar a inclusão, além de criar oportunidades para todos.



www.cl.df.gov.br



CÂMARA LEGISLATIVA
DISTRITO FEDERAL